

# O PODER DOS VEÍCULOS NAS MITOLOGIAS GREGA E HEBRAICA

## THE POWER OF VEHICLES IN HEBREW AND GREEK MYTHOLOGY

Mônica F. Gondim<sup>1</sup>

### RESUMO

O século XX começou com o espetáculo da velocidade dos automóveis prometendo sucesso e poder aos seus proprietários. Menos de 100 anos depois, entretanto, o carro começou a perder seu encanto ao ser responsabilizado por impactos ambientais e sociais. Este artigo, porém, mostra que, nas narrativas mitológicas de gregos e hebreus, o poder e o status já eram associados aos veículos fossem bois, jumentos, cavalos ou bigas. O estudo conclui ainda que, nestas obras concebidas há mais de dois milênios, os meios de transporte, segundo o olhar nômade ou urbano, também eram interpretados como viaturas do bem ou do mal.

*Palavras-chave:* Mitologia Grega, Bíblia, Transporte, História.

### ABSTRACT

*The twentieth century began with the show of automobile speed promising success and power to their owners. Nevertheless, in less than 100 years, the car suffered the loss of charm, because it was held responsible for environmental and social impacts. This article, however, shows that in the mythological narratives of Greek and Hebrew the power and status were already associated with vehicles like cattle, donkeys, horses or chariots. The study concludes that transport in these works, made over two millennia, were also interpreted as vehicles of good or evil.*

*Keywords:* Greek Mythology, The Bible, Transportation, History.

### INTRODUÇÃO

Durante o século XX, o automóvel foi o protagonista da mobilidade na cidade. Em sua estreia no cenário urbano, ganhou rápida admiração e um séquito de fãs, ocupando espaço nas ruas, nas casas e nos sonhos das famílias. Foram construídos viadutos, largas avenidas e amplos estacionamentos. Tornou-se símbolo de sucesso e riqueza. Com o apoio da legislação urbana, ganhou lugar nos edifícios e prioridade nas ruas. De um modo adverso, os pedestres não mereceram a mesma atenção. Se antes já não contavam com calçadas confortáveis, nem amenas, passaram a sofrer mais riscos no compartilhamento das vias com o transporte motorizado.

Ao final de quase 100 anos de reinado, o automóvel passou a ser considerado réu das mazelas urbanas, recaindo sobre ele a responsabilidade por toda sorte de impacto: poluição, acidentes, feiura e congestionamento. O caminhante, por sua vez, passou a ser percebido como vítima da cidade motor. Com este novo paradigma, as cidades passaram a investir mais em calçadas e em medidas para conter a violência do trânsito. Como demonstração do fim do privilégio do automóvel, foram derrubadas vias expressas, como a Fitzgerald Expressway, em Boston, e o Elevado da Perimetral, no Rio de Janeiro. Por sua vez, os bairros residenciais começaram a implementar medidas para controlar a velocidade e o tráfego de passagem com medidas conhecidas como *traffic calming*.

O poder do carro na sociedade industrial foi tema de muitos autores como Zygmunt Bauman (2001), Henri LeFebvre (2001), Paul Virilio (1996) e Marc Augé (1994). Entretanto, por incrível que

possa parecer, o poder dos veículos não é exclusividade da atualidade, pois era reconhecido antes mesmo do advento do motor. Viaturas como jumentos, cavalos, carroças ou bigas eram símbolos de status e de domínio. Os testemunhos se encontram no acervo arqueológico de muitas culturas, como também nas narrativas mitológicas religiosas, inclusive nos primeiros livros bíblicos dos hebreus e nas epopeias *Ilíada* e *Odisseia* (2009a; 2009b), consideradas as obras mais antigas da cultura ocidental. Estima-se que o Pentateuco tenha sido estruturado no 7º século a.C. e que as obras de Homero tenham sido concebidas entre os séculos 9º e 7º a.C.

O estudo destas narrativas tem por objetivo mostrar que tanto os valores positivos quanto negativos associados aos veículos não são exclusividades da atualidade. Desde cedo, os meios de transporte assumiram diferentes tipos como carros funerários, processionais, de cortejo, de correio e de guerra, e foram percebidos como objetos de poder, do “bem” ou do “mal”.

<sup>1</sup>Professora Doutora Adjunta da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília – UnB. Doutorada pela FAU-UNB (2014). Mestre em Engenharia de Transportes pela COPPE-UFRJ (2000). Especializada em Planejamento Regional – CEPUERJ (1981), Planejamento e Uso do Solo Urbano pela IPPUR-UFRJ (1989). Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Instituto Metodista Bennett (1980).

A Bíblia hebraica e as epopeias de Homero contam histórias de viagens transcorridas em diferentes reinos durante o 2º milênio a.C., com a possibilidade de algumas passagens terem ocorrido simultaneamente. No Pentateuco, por exemplo, o período de aproximadamente 700 anos entre Abraão e a morte de Moisés é considerado para ter ocorrido dentro do intervalo entre 2000 e 1000 a.C. (KELLER 1974; ARMSTRONG 2011), enquanto a investida dos aqueus sobre Troia é estimada para ter acontecido entre 1.350 e 1.200 a.C. (GIORDANI 1972), um período que poderia ter ocorrido o êxodo dos hebreus do Egito.

O segundo milênio a.C. é palco de uma transformação na mobilidade, pois é em meados deste período que são confeccionadas as rodas raiadas e são criadas as bigas, carros mais leves e mais velozes tracionados por cavalos. Até então, os transportes eram feitos sobre jumentos ou em carroças puxadas por bois ou mulas. A montaria do cavalo tornou-se usual nos exércitos somente depois do oitavo século a.C., portanto, os patriarcas Abraão, Isaac e Jacó são do tempo mais lento dos muares e dos veículos de rodas maciças. José, Moisés e Salomão são do período das bigas, assim como Aquiles e Agamenon. A Diáspora judaica corresponde aos anos da montaria dos cavalos.

Na narrativa bíblica predomina a visão de um povo nômade, enquanto a grega tem uma perspectiva urbana, mas ambas descrevem deslocamentos individuais e em grupos, a pé e de veículo, motivados pela vontade divina ou humana, estratégicos ou à deriva.

## VEÍCULOS NA MITOLOGIA HEBRAICA

Viagens em veículos se encontram em diferentes livros bíblicos, mas, particularmente emblemáticas são as imagens da Arca de Noé, as caravanas dos patriarcas, as bigas egípcias na perseguição aos hebreus, os carros de Salomão, os cavaleiros do apocalipse e Jesus sobre um jumento.

A arca de Noé é o primeiro veículo bíblico. Sua descrição encontra-se ainda no Gênesis. Até então, todos os deslocamentos humanos eram feitos a pé. A arca é apresentada como recurso divino para a salvação da vida humana e de todos os demais animais. Portanto, o primeiro meio de transporte desponta no texto bíblico como solução única para a sobrevivência. Seu desenho, com 200 metros de comprimento e três andares construídos com tábuas de cipreste, tem concepção divina. A arca funciona como um útero móvel em meio à vastidão de líquido salgado e doce, numa viagem sem rota, sem definição de duração, tempo de chegada, nem lugar de destino. É um transporte à deriva, sem condutor ao leme. Transporta animais limpos e



Figura 01: Arca de Noé por Edward Hicks (1780-1849).

Acervo: Philadelphia Museum.

Fonte: <http://www.1artclub.com/noahs-ark-by-edward-hicks/>



Figura 02: A arca de Noé no Monte Ararate (1570) Simon de Myle

[http://www.spiritofthescipture.com/wp-content/uploads/2013/09/Noahs\\_Ark\\_on\\_Mount\\_Ararat\\_by\\_Simon\\_de\\_Myle.jpg](http://www.spiritofthescipture.com/wp-content/uploads/2013/09/Noahs_Ark_on_Mount_Ararat_by_Simon_de_Myle.jpg)

Diversos autores, como Finkelstein, Silberman (2001) e Heaton (1965) comentam que não há evidências de que os camelos tenham sido domesticados na Palestina antes de 1000 a.C.

imundos, mas apenas homens justos. “Depois disse o Senhor a Noé: Entra tu e toda a tua casa na arca, porque tenho visto que és justo diante de mim nesta geração” (Gênesis, 7:1).

É este barco que inicia, sobre as águas, as grandes viagens coletivas que depois ocorrem sobre a terra no *Pentateuco*. A primeira é a do patriarca Abraão, que parte de Ur, uma das mais importantes cidades do seu tempo, para o deserto. Sua caravana, própria de pessoas abastadas, tem jumentos e camelos<sup>2</sup> no transporte de cargas e pessoas. Abraão é um expoente de seu povo, assim como os próximos patriarcas Isaac e Jacó, que são recebidos por chefes, reis e faraós. Os hebreus viajam por rotas que desconheciam, e é Deus ou os inimigos, como os assírios ou babilônios, quem decidem a rota, o destino, o tempo de partida e de chegada.

O carro a cavalo tem sua primeira aparição como veículo de cortejo na apresentação de José como o homem mais poderoso do Egito depois do faraó. A descrição associa luxo, riqueza e domínio à solenidade como carro.

*Disse mais Faraó a José: Vês aqui te tenho posto sobre toda a terra do Egito. E tirou Faraó o anel da sua mão, e o pôs na mão de José, e o fez vestir de roupas de linho fino, e pôs um colar de ouro no seu pescoço. E o fez subir no segundo carro que tinha, e clamavam diante dele: Ajoelhai. Assim o pôs sobre toda a terra do Egito (Gênesis 41:41-43).*

A segunda aparição acontece durante o cortejo funerário de Jacó (Gen 41:43,50:9). Novamente, a grandiosidade é feita pela associação da elite do reino com veículos.

*E José subiu para sepultar a seu pai; e subiram com ele todos os servos de Faraó, os anciãos da sua casa, e todos os anciãos da terra do Egito (Gênesis 50:7).*

*E subiram também com ele, tanto carros como gente a cavalo; e o cortejo foi grandíssimo (Gênesis 50:9).*

Viaturas de guerra dos exércitos egípcios são, em seguida, apresentados no Êxodo na perseguição dos hebreus. A partir deste momento, os carros aparecem na Bíblia, predominantemente, como instrumentos de opressão.

*Perseguiram-nos os egípcios, todos os cavalos e carros de faraó e os seus cavalários e o seu exército e os alcançaram acampados junto ao mar, perto de Pi-Hairote, defronte de Baal-Zefom (Ex.14:7, 9).*

Deus aparece a pé nos primeiros capítulos de Gênesis. Depois, prefere mandar construir com madeira e ouro seu próprio veículo, a Arca da Aliança, para que os homens mais nobres da comunidade transportem sua mensagem de sabedoria, poder e justiça.

*Também farão uma arca de madeira de acácia; o seu comprimento será de dois côvados e meio, e a sua largura de um côvado e meio, e de um côvado e meio a sua altura. (Êxodo 25:10)*

*Depois Josué se levantou de madrugada, e os sacerdotes levaram a arca do Senhor Josué (6:12).*

Durante o período nômade, o povo hebreu considera o veículo como instrumento de opressão utilizado pelo inimigo. A partir de Davi, com o início de uma vida urbana em Jerusalém, o carro passa a ser visto como uma dádiva de Deus aos seus escolhidos, de glória, riqueza e poder. E assim diz o Senhor Deus: “E, à minha mesa, fartar-vos-ei de cavalos, de carros, de poderosos, e de todos os homens de guerra” (Ezequiel, 39:20).

Salomão personifica o período de apogeu dos veículos entre os hebreus. O rei de Israel era o maior comerciante de bigas e cavalos do seu tempo, controlando o comércio entre o Egito, a Síria e o reino hitita. De acordo com os relatos bíblicos, o rei possuía quarenta mil cavalos em estrebarias, doze mil cavaleiros e mil e quatrocentos carros de combate distribuídos pelas cidades de seu domínio (3 Reis 9:20; 1 Reis 4:26).

Apesar de em alguns trechos os carros serem colocados no mesmo patamar de Deus, como sua força oponente como no Salmo 20:7: “Uns confiam em carros e outros em cavalos, mas nós faremos menção do nome do Senhor nosso Deus”, o carro, desde Salomão, será símbolo do poder da cidade.

*Então entrarão pelas portas desta cidade reis e príncipes, que se assentem sobre o trono de Davi, andando em carros e em cavalos; e eles e seus príncipes, os homens de Judá, e os moradores de Jerusalém; e esta cidade será habitada para sempre (Jeremias 17:25).*

Entretanto, o poder de destruição do carro com sua velocidade e impactos, à semelhança do tempo presente, também está representado no canto da destruição de Nínive, feito por Naum (Nah 2:4): “os carros correrão furiosamente nas ruas, colidirão um contra o outro nos largos caminhos; o seu aspecto será como o de tochas, correrão como relâmpagos”.

No texto bíblico, em Ezequiel, também se encontra a associação da virilidade e da sensualidade ao uso do cavalo, pois jovens montados são considerados mais desejáveis.

*Enamorou-se dos filhos da Assíria, dos capitães e dos magistrados seus vizinhos, vestidos com primor, cavaleiros que andam montados em cavalos, todos jovens cobiçáveis (Ezequiel 23:12).*

Os veículos na Bíblia também servem como meio de transmissão de mensagens subliminares, de diálogo ou conflito, de paz ou de guerra. Veículos mais lentos se associam à serenidade e os mais velozes à fúria. Este contraste se encontra na passagem em que Salomão se desloca calmamente sobre uma mula para anunciar ao povo seu direito ao reino (1 Reis 1:33), enquanto Adonias tenta usurpá-lo com o apoio de carros e cavaleiros.

A associação entre o animal mais dócil e a paz em contraste com o mais vigoroso e veloz também se encontra no Novo Testamento com a imagem de Jesus sobre um jumento, transmitindo a “boa nova” (Mateus 21:10), enquanto os quatro cavaleiros do apocalipse são mensageiros sob os cavalos da destruição “com bocas expelindo fogo, fumaça e enxofre” (Apocalipse 9:17) que transportam Peste, Guerra, Fome e Morte. Com o cavalo branco vinha a falsidade, o engano, a peste. O cavalo vermelho com a missão de tirar a paz na Terra, incitando o ódio e a matança. O preto transmitindo a injustiça levando à fome. E, por fim, o amarelo trazendo a morte e o inferno (Apocalipse 6:4-8).

## VEÍCULOS NA MITOLOGIA GREGA

Os carros, nos mitos gregos, representam perfeição e poder. A maior parte dos deuses possui carros puxados por cavalos, delfins, baleias ou cisnes. Considerados objetos valiosos, os veículos e os cavalos estão entre os presentes preferidos por deuses e reis e, por este motivo, em seu pedido de desculpas a Aquiles, o rei Agamenon oferece entre inúmeros ricos presentes “doze cavalos robustos, acostumados a prêmio ganhar, campeões de corrida” (Homero, *Ilíada*, IX, v. 123-4).

O apreço pelos veículos também é demonstrado pelo cuidado com que são confeccionados. Tal como o automóvel na atualidade, os carros são concebidos segundo uma preocupação estética que os levam a serem adornados com ouro e prata. Quando não utilizados, os deuses e os homens os guardam com zelo (GONDIM 2014:56).

*[...] para os guardar assim faz Poseidon ao chegar ao Olimpo que após desatrear os cavalos “Junto ao altar põe o carro e o cobriu com um pano de linho” (HOMERO, *Ilíada*, VIII, v.440-1)*

A narrativa grega demonstra que o condutor de um carro é dotado de habilidades. A bravura de um herói está associada à sua excelência na condução de veículos e cavalos. Por este motivo, as corridas são apresentadas como mecanismos para a escolha do melhor homem. É representativo deste argumento a história da participação de Pélope na disputa pela mão de Hipodâmia, filha de Enomau, que é destinada ao casamento apenas para aquele que vencer seu pai numa corrida de cavalos (GONDIM 2014:56).

*Cavalos como os que trouxe, jamais contemplei, tão bonitos e grandes: mais do que a neve são alvos; tão rápidos são como o vento. Carro de guerra admirável possuí, de ouro e prata adornado; de ouro, também, a armadura gigante, dos olhos espanto, que trouxe ao vir; para os homens mortais, por sem dúvida imprópria, só para os deuses eternos, que moram no Olimpo, adequadas (HOMERO, *Ilíada*, X, v.435-441).*

São vários os exemplos de amor aos carros, aos cavalos e à velocidade. Apolo recebeu, de seu pai Zeus, uma mitra de ouro, uma lira e um carro atrelado por cisnes. O deus Poseidon doou a Penélope um carro como símbolo dos poderes adquiridos com o ser divino. Selene, a deusa da lua, percorria o céu num carro de prata puxado por dois cavalos (BRANDÃO 1987: V.2, 70). Foi em sua carruagem que Plutão levou Perséfone para o Hades (BRANDÃO 1987: V2, 181).

À semelhança do tempo presente, o carro é representado como um modo de transporte agradável na mitologia, e a impossibilidade de usá-lo é tida como um castigo inclusive para os deuses. Por este motivo, conta Homero, na *Ilíada* (VIII, v. 454-455), que Zeus, para repreender as deusas Hera e Atena, fez a ameaça de deixá-las sem carro para as viagens entre a Terra e o Olimpo (GONDIM 2014:56). “Zeus ameaça castigar as deusas Hera e Atena a jamais voltarem a usar o carro para voltarem da Terra ao Olimpo” (Homero, *Ilíada*, VIII, v.454-455).

Talvez, a mais precisa representação do fascínio pelo carro e pela velocidade repouse no mito do jovem Faetonte. Seu maior desejo era dirigir o veloz carro do pai, o deus Hélios. Mas, sem ter a habilidade necessária, provoca um acidente e sua própria morte (PLATÃO, *Timeu*, 22).

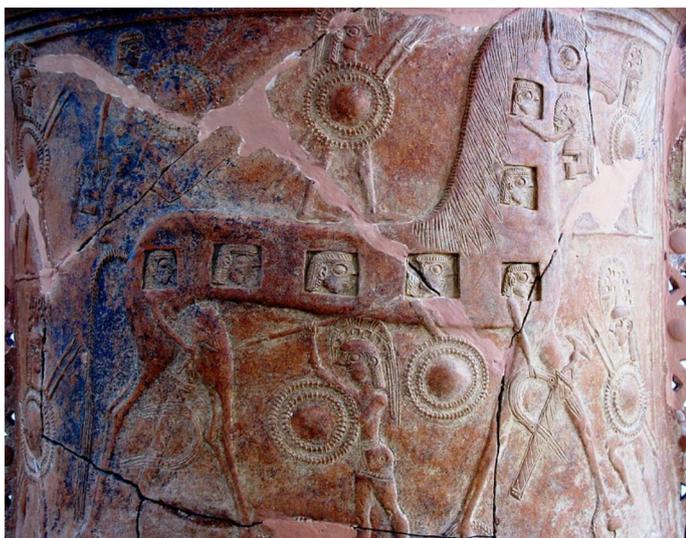


Figura 03: Vaso de Mikonos com representação do Cavalo de Troia (670 a.C.)

Archaeological Museum of Mykonos, Inv. 2240

Fonte: <http://www.flickr.com/photos/travellingrunes/2949254926/>



Figura 04 :A Procissão do Cavalo de Tróia em Tróia.

Giovanni Domenico Tiepolo (1727-1804).

Acervo: National Gallery in London.

Fonte: <<http://www.awesomestories.com/assets/trojan-horse-procession-to-troy>>

Os deslocamentos táticos são próprios dos gregos, como os realizados pelos aqueus com seus carros, barcos e cavalos no cerco planejado a Troia. Também são logísticos os movimentos realizados com veículos, como o Cavalo de Troia e o Argo, este último um barco praticamente automatizado, tripulado pelos argonautas e comandado por Jasão (GONDIM 2014:57).

O veículo mais importante entre os gregos é o Cavalo de Troia, descrito na *Odisseia*. Um veículo de madeira, oco, que permitiu transportar algumas dezenas de homens para assalto à cidade dos troianos. Foi concebido por Odisseu e construído sob a incumbência de Epeu. Assim como a Arca de Noé, o Cavalo de Troia também representou a salvação, dos aqueus, e, não foi guiado por um motorista, mas conduzido pelo inimigo. Por outro lado, diferentemente da viagem à deriva da Arca de Noé, o Cavalo tem um destino definido a ser alcançado pela ultrapassagem de um portão para o acesso e conquista de Troia (GONDIM 2014:57).

## CONSIDERAÇÕES

A representação inicial da mobilidade nas narrativas mitológico-religiosas dos gregos e hebreus apresentam diferenças, refletindo o contraste entre os pontos de vista de uma cultura nômade, a hebraica; e urbana, a grega. A primeira tem um deus que anda a pé e se opõe às cidades e aos carros, enquanto a outra não tem cidades sem deuses e estes preferem a locomoção com veículos. A representação dos hebreus, no entanto, se altera quando passam a viver em cidades e se tornam proprietários de uma ampla frota de veículos, uma associação que parece fazer parte da história urbana (GONDIM 2014:72).

Os deslocamentos coletivos se destacam na mitologia grega como logísticos e planejados, realizados com a movimentação dos exércitos e dos veículos, como o Argo e o Cavalo de Troia. Os deslocamentos bíblicos acontecem sem euforia ou estratégias humanas. As viagens coletivas bíblicas estão associadas aos deslocamentos sem controle do tempo, do caminho, da partida e do destino, reforçando o seu caráter de castigo ou penitência (GONDIM 2014:72).

Na narrativa bíblica, o carro foi usado para transmitir a mensagem de destruição e opressão, enquanto na narrativa grega foi adotado para significar perfeição e poder. No primeiro caso, a força do veículo provocava temor e no segundo admiração. Nas Escrituras, o carro era próprio do homem sem Deus, enquanto,

entre os gregos, era objeto dos seres divinos, dos vitoriosos e dos indivíduos de excelência. Na visão do Antigo Testamento, o pedestre é oprimido pela fúria dos veículos dirigidos por homens sem Deus. O condutor de carros é considerado um inimigo da coletividade, uma ameaça à segurança e ao bem estar (Quadro 01)(GONDIM 2014:72).

Quadro 01: Representação do veículo nas narrativas bíblica e grega

Velocidade	Narrativa Bíblica	Narrativa Grega
significado	destruição, opressão	perfeição, poder
sentimento	temor	admiração
motivação	homem sem Deus	humanas e divinas
símbolo	oposição a Deus e à vida	poder e perícia dos homens e dos deuses
condutor	inimigo da coletividade	admirável por sua perícia e poder

Fonte: Autora.

Em contraste com as Escrituras dos israelitas, a mitologia grega trata a perícia na condução dos veículos como uma meta aspirada. Pode-se dizer que a Arca de Noé e o Cavalos de Troia, os dois mais importantes veículos mitológicos da cultura ocidental, expressam a essência da mobilidade das duas narrativas religiosas e cristalizam os arquétipos correspondentes. A Arca de Noé representa o movimento lento, sinuoso, à deriva e sem destino, enquanto o Cavalos de Troia, assim como o Argo, se move em linha reta, com rota planejada, direcionada a um ponto (Quadro 02).

Quadro 02: Representação do veículo

Arca de Noé	Narrativa Bíblica
lenta	rápido
sinuosa	direto
à deriva	estratégico
sem destino	destino definido

Fonte: Autora.

Na mitologia grega, o carro é claramente um objeto de desejo, assim como na sociedade moderna. É descrito com diferentes modelos, conforme os adornos e a potência, e apresentado como um símbolo de status definindo uma hierarquia social (GONDIM 2014:56).

A rapidez, em ambas as narrativas, é dependente direta dos veículos e é reconhecida como uma força que nem os deuses podiam desprezar. Motivada pelo bem ou pelo mal, era impulsionada para a vitória sobre um oponente ou sobre si mesmo.

Em contraste com as Escrituras bíblicas, a velocidade e a perícia no domínio dos carros e cavalos são predicados de deuses e heróis na mitologia grega. O carro é representado como um modo de transporte agradável de uma classe privilegiada e se ver impossibilitado de usá-lo é tido como um castigo. O que de alguma forma se equipara à visão desta mobilidade no século XX que se impôs sobre a caminhada, fazendo do veículo um objeto de desejo e de adoração (Quadro 03). A velocidade dos carros é, então, vista como uma necessidade da sociedade industrial, não apenas nos deslocamentos, mas também nos processos de produção, nos atributos dos objetos e nas qualidades humanas. Neste período em que a rapidez é uma marca de poder e o carro um símbolo de status, reproduzem-se valores apontados pelos gregos. Por outro lado, a interpretação do carro como um opressor do pedestre e uma ameaça à justiça social da cidade, presente no discurso dos urbanistas do final do século XX, faz lembrar a preleção bíblica (Quadro 03). Ou seja, o amor ou o temor devotado aos carros está no DNA da humanidade, confirmando o comentário de Mircea Eliade (1963, p. 70) de que “o inconsciente da humanidade é mitológico e seu conteúdo está carregado de valores cósmicos”.

Quadro 03: Representações da velocidade nas narrativas bíblica, grega e do século XX

Veículo	Narrativa bíblica	Narrativa grega	Narrativa urbana Início sec. XX	Narrativa urbana Início sec. XXI
Significado	Destruição opressão	Perfeição poder	Progresso Poder	Destruição opressão
Sentimento	Temor	Admiração	Admiração	Condenação
Motivação	Necessidades do homem sem Deus	Necessidades humanas e divinas	Necessidade do mercado	Necessidade não humana
Símbolo	Símbolo de oposição a Deus, à vida	Símbolo de poder dos homens e dos deuses	Símbolo de poder dos homens	Símbolo de oposição à sustentabilidade e qualidade de vida urbana
Condutor do veículo	Inimigo da coletividade	Admirável por sua perícia e poder	Admirável por seu status e poder	Responsável pelos impactos sociais e ambientais

Fonte: Autora.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARMSTRONG, Karen. *Jerusalém: uma cidade, três religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- AUGE, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus, 1994.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BÍBLIA. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Edições Paulinas, 1973.
- BÍBLIA (s/d) *Bíblia sagrada: Almeida revista e atualizada*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil.
- BÍBLIA. *Bíblia sagrada: Revista e Atualizada no Brasil*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BÍBLIA. *Bíblia: Almeida Corrigida Revisada e Fiel* (On-line). Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/1>>. Acesso em: 12 nov.2012.
- BRANDAO, Junito Souza. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, v.1, 1986.
- BRANDAO, Junito Souza. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, v.2, 1987.
- BRANDAO, Junito Souza. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, v.3, 1989.
- ELIADE, Mircea. *Aspectos do mito*. Lisboa: Edições 70, 1963.
- ELIADE, Mircea. *História das crenças e das idéias religiosas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- ELIADE, Mircea. *Aspectos do mito*. Lisboa: Edições 70, 1967.
- FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. *The Bible Unearthed: archaeology's new vision of ancient Israel and the origin of its sacred texts*. New York: Touchstone Book, 2002.
- GIORDANI, Mário Curtis. *História da Grécia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.
- \_\_\_\_\_. *História da Antiguidade Oriental*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- GONDIM, Mônica. *A travessia no tempo: homens e veículos da mitologia aos tempos modernos*. Tese doutorado FAU-UnB, Brasília, 2014, 360 pg.
- HOMERO. *Ilíada*. São Paulo: Ediouro, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Odisséia*. São Paulo: Ediouro, 2009.
- KELLER, W. *E a Bíblia tinha razão*. São Paulo: Melhoramentos, 1974.
- LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.
- PLATÃO (s/d). *Timeu e Crítias ou a Atlântida*. São Paulo: Hemus.
- PLATÃO. *Timeu*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.
- VIRILIO, Paul. *Velocidade e política*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

